

A cultura *Yorùbá* e o Ocidente: alguns apontamentos sobre a cultura *Yorùbá* e sua influência na música e cultura brasileira

The *Yorùbá* cultural matrix and the Western world: An examination of *Yorùbá* cultural influence on Brazilian music and cultural expressions.

ÌDÒWÚ AKÍN RÚLÍ

Mestre Percussionista e Babalàwò

producaoiluakin@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-2840-5308>

IFÁDÁMILÁRE ÒJÈYÍMIKÁ | LOUISE LUCENA DE OLIVEIRA

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

louiselucenadanca@gmail.com

<https://orcid.org/000-0003-1914-8606>

Recebido em: 20/11/2023

Aprovado em: 21/08/2024

AKÍN RÚLÍ, Ìdòwú; ÒJÈYÍMIKÁ, Ifádámiláre. A cultura *Yorùbá* e o Ocidente: alguns apontamentos sobre a cultura *Yorùbá* e sua influência na música e cultura brasileira. **Música e Cultura**, v. 13, n. 3, p. 58-70, 2024.

A cultura Yorùbá e o Ocidente: alguns apontamentos sobre a cultura Yorùbá e sua influência na música e cultura brasileira

Resumo: A cultura Yorùbá tradicional vive, se preserva, transforma, é dinâmica, transmitida e assegurada pelos àwò, povos originários, Ìyánfá, Ìyáláwo, sacerdotes de Ifá e diversas famílias tradicionais. Possuindo uma língua tonal, a música tem grande valor e importância para o seu povo, constituindo elemento imprescindível em suas rotinas e estruturas sociais que vão desde festejos simples à cerimônias religiosas e ritualísticas. O presente trabalho se configura em um relato autobiográfico de um mestre percussionista e bàbáláwo sob a sua perspectiva e percepção em relação à cultura tradicional Yorùbá e sua influência na cultura e música brasileira. Também fala sobre as diferenças na produção do conhecimento, seu funcionamento e disseminação nas culturas ocidentais em relação à cultura tradicional yorubana. E como os processos de racismo e preconceitos vinculados a essas diferenças, dificultam a comunicação, compreensão, disseminação do conhecimento e aprendizagem da cultura Yorùbá, suas influências e reminiscências na cultura afrodescendente no Brasil.

Palavras-chave: Yorùbá; Ifá; música; tradição; àwò.

The Yorùbá cultural matrix and the Western world: An examination of Yorùbá cultural influence on Brazilian music and cultural expressions.

Abstract: The Yorùbá traditional culture lives, preserves, transforms, is dynamic, transmitted and preserved by Yorùbá indigenous, àwò, Ifá priests. Yorùbá is a tonal language, and music has great value and importance for its people, constituting an essential element in their routines and social structures, ranging from simple celebrations to religious and ritualistic ceremonies. This is an autobiographical account of a master percussionist and bàbáláwo from his perspective and perception in relation to traditional Yorùbá culture and its influence on Brazilian culture and music. It also talks about the differences in the production of knowledge, its functioning and dissemination in Western cultures in relation to traditional Yorùbá culture. The processes of racism and prejudice linked to these differences hinder communication, understanding, dissemination of knowledge and learning of Yorùbá culture, its influences and reminiscences in culture in general, but mainly in Afro-descendant culture in Brazil.

Keywords: Yorùbá; Ifá; music; tradition; àwò.

Contexto do meu lugar de fala

Na cultura ocidental, diferentemente da cultura da qual pertencço, a produção de conhecimento, em especial o trabalho de pesquisa acadêmico, necessita de uma revisão bibliográfica e ou de uma pesquisa referenciada em métodos, dados e informações científicas, que possuam ou estejam de acordo com as regras e o rigor, produzidos por um sistema de pesquisa vinculado às normas e instituições científicas de um país, estruturas e programas de pesquisa acadêmicos. Espera-se que esses trabalhos possuam um aprofundamento e reflexões que gerem desdobramentos ao tema proposto, à pesquisa.

Enquanto um iniciado e representante da cultura tradicional do povo *Yorùbá* e de *Ifá*, portanto mestre ou *griot* para os ocidentais, e *bàbáláwo* para meu povo e família, minha formação se deu muito diferente da ocidental e ao mesmo tempo, por ter meu país colonizado, em paralelo ao sistema imposto. Desse modo, antes mesmo de nascer, minha família consultou os *àwò*¹ de nossa comunidade para saber sobre mim e o meu destino na Terra. Desde que cheguei ao mundo, toda minha educação – familiar, comunitária e sistêmica² –, foi conduzida sendo dada prioridade para minha formação tradicional. Em minha cultura, é tradição que uma criança e/ou filhos sejam a maior riqueza de uma família e comunidade. Ela representa a semente do nosso povo que carrega e possui potencial para dar continuidade a nossa descendência, disseminar e manter nossa cultura, conhecimentos e tradição. É através e a partir dela que toda nossa riqueza irá igualmente se multiplicar, desdobrar e transformar. Para nós, isso é prosperidade. Portanto, ao nascer, uma criança se torna responsabilidade de todos. Torna-se responsabilidade de toda a comunidade. E toda essa educação tradicional é conjunta com nossa espiritualidade e valores éticos, estéticos e morais de nossa sociedade. Para nós, povo tradicional *Yorùbá*, só se é alguém se esse alguém possui *ìwà*. Caráter. E que condensa em si, todos os valores e princípios filosóficos, morais, éticos, estéticos e espirituais, transcritos e reunidos em *Ifá*.

Nosso conhecimento, da forma como o entendemos, é vivo e sua forma de transmissão é oral justamente para a manutenção de sua vida e dinâmica, bem como devido

¹ Sacerdotes de *Ifá*.

² Sistema educacional colonial ocidental imposto ao meu país Nigéria, nos mesmos moldes encontrados nos países ocidentais. Geralmente escolas vinculadas às religiões muçulmanas e cristãs, tendo como língua oficial o inglês e como conteúdo escolar toda produção eurocentrada sobre o saber.

ao compromisso e responsabilidade com seu valor, complexidade, seriedade e sagrado. Devido à responsabilidade que seu conhecimento exige e a forma como se opera nosso sistema filosófico, ético e moral, nossa tradição é transmitida em sua profundidade e complexidade somente a iniciados, e é vivida em sua plenitude por toda a comunidade. Na cultura tradicional do povo *Yorùbá*, cada ser possui valor e tem uma função necessária ao equilíbrio, manutenção e existência de tudo e todos.

Os livros e pesquisas que trazem informações sobre o continente africano e as culturas de seus diferentes povos, grupos e etnias, distribuídos e separados pelos diversos países euro-demarcados durante a Conferência de Berlim, quando possuem informações minimamente fidedignas com a realidade africana e as tradições culturais encontradas lá, se devem à confluência da compreensão sistêmica relacionada às estruturas, pensamentos e funcionamento desses grupos em suas culturas tradicionais em consonância com as informações coletadas e traduzidas para a linguagem ocidental. E ainda, àquelas que já sofreram processos de mudança e adaptação devido às violências infligidas e impostas a partir das invasões europeias e que também passam por todo um processo de adaptação, tradução e transcrição de seus “dados” coletados, de maneira que um estrangeiro possa compreender minimamente seu acontecimento sem precisar deslocar e ou abdicar de sua estrutura de compreensão e construção de conhecimento ocidentalizado.

Para isso, geralmente pesquisadores se deslocam ao encontro de mestres e iniciados nas culturas e filosofias tradicionais para promover suas coletas de dados, exatamente por serem estes os legítimos detentores e representantes tradicionalistas da cultura de um povo, no qual me incluo. Diante disso e do exposto, considerando que minha tradição *Yorùbá* possui um sistema e lógica de pertencimento, desenvolvimento, compreensão e relação com o mundo e com a vida que são diferentes da ocidental, também fui iniciado na tradição e na família dos mestres musicistas tradicionais de meu povo. Sendo assim, além de *bàbáláwo*, fui iniciado na tradição da música, percussão e ritmos do meu povo *Yorùbá*. Sou *Ayàndélé*³, nome dado a mim nessa iniciação.

Na cultura *Yorùbá*, da qual pertencço e exerço o ofício de *Bàbáláwo*, como dito anteriormente, o nome é uma coisa muito importante e, portanto, normalmente não é designado antes do nascimento e a revelia do desejo e vontade dos pais. Na tradição, durante

³ Meu nome, *Ayàndélé*, na família e iniciação da tradição da música significa: o tamboreiro chegou em casa.

a gravidez, os pais fazem uma consulta aos *àwò* para saber quem é essa pessoa que está vindo e a importância da energia que ela está trazendo para o mundo. A partir disso, se fazem os rituais de recepção e, somente após o sétimo dia do nascimento, são realizados outros rituais para que o bebê ganhe o nome, tendo em vista a importância desse novo ser e vida, e da necessidade de uma base espiritual muito forte, de um apoio espiritual para cada pessoa que está vindo para o mundo.

Dessa maneira, a família sabe quem é essa pessoa que está chegando à Terra, qual a energia ela está trazendo, qual a importância e a missão dela na vida e no mundo. Com isso, os pais já podem se preparar para apoiar essa pessoa durante seu crescimento e tudo mais que ela precisar. É também a partir desse princípio que o filho é dos pais apenas enquanto ele estiver na barriga da mãe, já que, quando ele sai, não é mais dos pais e, sim, da comunidade.

Nesse sentido, desde a minha gestação, venho sendo iniciado e formado durante toda minha vida para conservar, ensinar, mediar e transmitir a cultura do meu povo, assim como vários outros mestres conhecidos em outras culturas como *griots*. E diante dessa forma como nós – povo tradicional *Yorùbá* –, nos relacionamos com a gravidez e a gestação de uma criança, dá para perceber a diferença profunda de nossa ontologia, cosmogonia e cosmologia em relação às ocidentais.

Diante do exposto até aqui, já é possível perceber a dimensão da diferença cultural acerca do conhecimento, de sua construção, transmissão e compreensão minha e de meu povo inseridos na tradição em relação à cultura ocidental e seus desdobramentos mundo afora, uma vez que indivíduo e coletivo (família, comunidade, país, continente, mundo...) para nós estão entrelaçados desde o ventre, após seu nascimento e para além-vida. E, exatamente por conta disso, trago aqui algumas informações sobre mim e sobre a minha cultura que são fundamentais para compreendermos melhor e podermos desenvolver aspectos sobre produção de conhecimento e principalmente sobre alguns apontamentos que teço a seguir referentes a cultura tradicional do povo *Yorùbá*, suas reminiscências, formas, desdobramentos e ancestralidade na diáspora africana brasileira da forma como a reconheço e compreendo.

Bibliotecas vivas: saberes ancestrais em movimento

Sendo quem sou dentro da minha comunidade e exercendo as funções que desempenho, o compartilhamento, aprofundamento e desdobramentos sobre o conhecimento da cultura, língua e música *Yorùbá*, me são solicitados a todo instante por todos os setores, principalmente os artísticos e culturais. Isso, levando-se em conta a forma como o colonialismo se deu na África, mas não somente lá, porque ele ainda se dá por meio da permanência de lógicas coloniais – em especial no que diz respeito ao conhecimento, seu funcionamento na compreensão e apreensão de nossos saberes se revelam, em sua maioria, extremamente racistas e preconceituosos. Diante desses fatores e questões, na maioria das vezes, ao transmitir esses conhecimentos, ou nossas culturas são entendidas apenas enquanto aspectos, conteúdos e elementos simplórios ou nossos conhecimentos são apropriados e expropriados de forma descuidada e desrespeitosa.

Isso acontece de inúmeras maneiras e muito por meio da academia, espaço e estrutura institucionalizada do conhecimento ocidental. Esse processo, também se dá a partir de culturas não ocidentais, como no meu próprio país - Nigéria, em que muitas pessoas se apropriam de nossos conhecimentos tradicionais para obterem títulos acadêmicos e falarem sobre nós, por nós e nossa cultura, atendendo a um viés mercadológico e capitalista, sem respeito, sem uma compreensão de fato e vivência sobre.

Porém, compreendendo que o exercício da comunicação é importante e necessário para combater e diminuir os efeitos e consequências trágicos de apropriação, uso e entendimento inadequado sobre nossos saberes, apresento e compartilho a seguir alguns conhecimentos e discussões acerca da cultura *Yorùbá* e sua relação com a cultura e música brasileira a fim de refletir conjuntamente e prover à academia e suas demandas.

Oralidade

No que se refere à cultura *Yorùbá*, sendo esta tradicionalmente vivida e transmitida de maneira oral, ela é marcada pela conexão com a fala e com a vivência. Nós, da tradição, damos, portanto, uma grande relevância à oralidade, já que ela constitui a base de nossa cultura. Toda sua construção e transmissão se dão, tradicionalmente, através da fala e das diversas maneiras de manifestação da oralidade. Oralidade aqui é compreendida pela fala, mas também pela relação que se estabelece através dos outros sentidos com os diversos

planos de existência e seres. Sendo assim, o silêncio, nossas ações e inações também constituem falas, bem como nossos adornos, vestimentas, dentre outros. Oralidade também está ligada ao tempo do ensino dos nossos fundamentos e conhecimentos para as pessoas. Para que o ensino das coisas chegue no tempo certo, na idade certa, no melhor momento em que ela já terá permissão espiritual, maturidade, consciência e responsabilidade suficiente para receber e absorver aquele ensinamento. Oralidade para nós, povo *Yorùbá*, é muito maior e muito mais do que o ocidente compreende como tal. Parece simples, mas sua complexidade é profunda.

Infelizmente a cultura e sistema ocidental julgam os mestres e mestras, *bàbáláwo*, *iyáloriṣa* e detentores de saberes tradicionais com inferioridade, como se seus conhecimentos e métodos possuíssem menos valor, com a justificativa que muitos saberes se perdem através da oralidade pelo esquecimento, mudança ou porque “o guardião de conhecimento” os levou ao partir, com sua morte. Com tanta insistência nessa falácia e a frequência em sua repetição, disseminação e ensino, acabamos encontrando vários mestres e mestras da tradição se convencendo e aceitando esse tipo de mentira como sua verdade. Por exemplo, no Brasil, muitas lideranças religiosas acreditam que a língua *Yorùbá* falada em seu país e no ocidente não existe mais na “África”. No entanto, isso não é verdade. Desenvolverei sobre isso em outro momento. Por ora, é importante salientar que a oralidade é um método e sistema que requer muito estudo, conhecimento e responsabilidade. Ela exige um acompanhamento da saúde integrada da pessoa incluindo sua saúde física, emocional, espiritual e muito mais.

Daí a importância da comunicação e o esforço na compreensão dos signos, símbolos e códigos da cultura tradicional *Yorùbá* para uma efetiva troca e compartilhamento. Isso pode se dar de diversas formas, e como para nós, tudo está relacionado e conectado entre si, trago como exemplo de comunicação nossos instrumentos musicais que são baseados em nossas falas, incluindo as falas dos elementos da natureza. A língua *Yorùbá* é tonal. Isso significa que ela se estrutura a partir de três tons: Dó, Ré, Mi. Isso faz com que nossa comunicação seja mais fluida e melhor compreendida ao ser “cantada” e fez com que desenvolvêssemos e possuíssemos tambores falantes. Para nós, os instrumentos percussivos, seus tambores e a música são muito importantes, pois além de constituir um meio de comunicação, é também um meio de transmissão e manutenção de nossa cultura e do conhecimento desenvolvido, construído e adquirido por nós. A música é um dos elementos mais importantes que se soma

aos processos ritualísticos e aos festejos em nossas comunidades. As músicas, enquanto falas, comunicam através dos instrumentos percussivos, melódicos e etc, histórias ligadas a *Ifá*. Este que é conhecido por outros como culto/religião do povo *Yorùbá* para nós, seu povo, é o centro de nosso conhecimento e cultura.

Dessa maneira, desde sempre, se tem instrumentos que conversam entre si criando melodias polifônicas, representando elementos da língua tonal, característicos de nossa língua e de uma das nossas formas de comunicação. Diante dessa compreensão, nossos instrumentos são organizados em famílias, tais como: a família dos agogôs, a família dos *Bátá*, a família do *Gangan*, dentre outros. Cada uma dessas famílias possui seu toque tradicional que representa traços culturais específicos de um grupo territorial, cultural, religioso e linguístico do povo *Yorùbá*⁴. As famílias de instrumentos são utilizadas para comunicação do povo *Yorùbá* há milhares de anos e mantêm-se até os dias atuais. Portanto, os instrumentos falam através das palavras e provérbios tradicionais desde sua antiguidade até a contemporaneidade.

Ao trazer aqui que eles falam, eles falam mesmo. Falam nas letras das músicas, mas falam também nas construções das frases rítmicas e percussivas. Falam e inclusive complexificam o discurso através da soma de seus instrumentos e polifonia rítmica. Como nada em nossa tradição se desvincula do sagrado, nossos tambores também são orixás e são cultuados através do *Ayàngalú*⁵. Os tambores possuem conhecimentos e procedimentos ritualísticos vinculados a nossa espiritualidade, bem como há toques e ritmos que devem ser tocados somente em rituais, festejos e eventos sociais específicos. Por vezes, há construções e criações musicais que são, devem ser e permanecer dentro da concepção construída originalmente, devido à intenção a qual foi feita, independente da ocasião de seu uso: festas, eventos formais, oficiais, shows, dentre outros, principalmente se possuem alguma questão espiritual envolvida.

Por nossa língua ser tonal e conseqüentemente a música também, no seu uso enquanto linguagem e comunicação, a forma e estrutura de sua aprendizagem, bem como sua afinação são fundamentais. Parece óbvio, mas na prática, isso se revela desafiador, principalmente no

⁴ O povo *Yorùbá* possui diversas etnias com características distintas umas das outras mas que se encontram em aspectos e fundamentos que os unem enquanto povo. Para melhor compreensão desse aspecto, somos como uma grande família de vários irmãos, em que cada etnia corresponde a um irmão que possui sua própria família, mas que pertencem todos a um mesmo núcleo/tronco familiar, vindos de mesmo “pai e mesma mãe”. Assim somos todos *Yorùbá*: *Ijèsà, Kétu, Oyo, Ondo, Egbá, Saké*, dentre outros.

⁵ *Ayàngalú* é o nome dado ao orixá do tambor.

ensino dos tambores e instrumentos percussivos, pois existe um tom, uma sonoridade que é muito refinada, sensível em sua construção e que para nós, nativos, ao escutarmos, faz toda a diferença na compreensão do que está sendo dito e dialogado através da música e de quem toca. Trago isso porque para muitas pessoas no ocidente e estrangeiros na cultura do povo africano, em específico do povo *Yorùbá*, devido a uma série de fatores, que incluem por vezes um comportamento e entendimento limitado e preconceituoso com relação a nossa cultura, forma de ensino-aprendizagem, bem como valor financeiro reconhecido e agregado, e ainda, desvio de caráter e conduta no reconhecimento e referenciamento de seus mestres e mestras (procedimento de muita importância dentro de uma cultura oral), o aluno aprendiz, iniciante no ofício, aprende a tocar o tambor e percussão, mas não a “cantar” com o instrumento.

Dessa maneira, com seu toque ainda disforme, cheio de “ruídos”, que sem o devido refinamento, se torna um toque vazio de sentido e conhecimento, sai da aula com seu mestre e se autointitula professor daquele instrumento, desejando monetizar em cima de um conhecimento diferenciado que, no entanto não domina, sequer compreende. Por vezes, o aluno entende equivocadamente que aprendeu a tocar o instrumento, ou seja, falar com ele quando, no entanto, aprendeu apenas a bater no instrumento. A prática da repetição, exercício da constância na técnica, junto a presença e vivência com quem domina o instrumento, através de um processo de escuta e presença ativas, além das funções ritualísticas, é que irão trazer o refinamento e sensibilidade necessários à concretização do “canto” através do instrumento.

No Brasil, com a chegada dos nossos ancestrais *Yorubanos*, é possível perceber a grande influência que a cultura *Yorùbá*, através dos seus ritmos e instrumentos, exerceu na formação cultural brasileira, principalmente a partir dos terreiros de candomblé, umbanda e manifestações de matrizes africanas em geral. Por exemplo, no candomblé, os instrumentos percussivos utilizados, geralmente se organizam em tríades, a partir dos tons: Dó, Ré, Mi, configurando-se em grave, médio e agudo, que se originam diretamente da estrutura tonal da língua *Yorùbá*. Além disso, muitos dos cantos são histórias contadas vindas dos *odu*⁶ do *Ifá* (aforismos, contos mitológicos, etc.. que guardam a sabedoria e fundamentos de *Ifá*).

⁶ Odu são diversos códigos que saem na consulta de ifá e que trazem as informações certas para cada situação.

Apesar de trazer este exemplo relacionado à religião de matriz africana, é possível perceber a influência da cultura *Yorùbá*, seus instrumentos e estrutura musical transpassando pela cultura popular brasileira como um todo, inclusive na forma de construção das suas composições e arranjos, principalmente àquelas nitidamente descendentes da cultura africana.

Todo esse conhecimento, apesar de parecer pontual, aponta para questões importantes sobre a confluência da cultura brasileira e a *Yorùbá*, e também para os desafios de diálogos existentes entre elas. Trazendo minha ótica e percepção a partir de minha experiência e o lugar que ocupo, para além de graduando em Música, mas como descrito anteriormente, sendo um guardião da cultura e dos segredos do meu povo e, ainda, a forma como a academia e o ocidente vêm concebendo nossas culturas e delas se apropriando, construo esse material não apenas sobre as influências da cultura *Yorùbá* na cultura brasileira. Trago aqui também uma discussão crítica atrelada a ela sobre como formas de pensar e vivenciar o mundo que, embora diferentes, são marcadas por estruturas coloniais e racistas, portanto hierarquizadas, precisam ser mais e melhor discutidas por se tornarem extremamente problemáticas em seu uso e apropriação, bem como em sua compreensão e entendimento.

A oralidade para nós se traduz em nosso ser por inteiro. Da forma como nos vestimos, agimos, falamos e nos expressamos de modo geral. Ou seja, de forma holística. Em muitos aspectos isso se dará de maneira mais intensa para aqueles que vivem de acordo com a tradição da cultura e para os iniciados filosófica e espiritualmente em *Ifá*, mas também há outros aspectos que mesmo sem ser da tradição e iniciados são totalmente incorporados no cotidiano *Yorubano*. Ao olhar para um *Yorùbá*, mesmo aquele sem ser iniciado na tradição, mas que possui reminiscências de nossa cultura, ao vê-lo usando um *filà*⁷ dá para saber se é casado ou solteiro, por exemplo. Enquanto no ocidente, pelo menos nos lugares onde estive, perguntar a idade é algo completamente naturalizado, para nós, perguntar nossa idade é uma falta de educação. Até mesmo porque para o ocidente, diante de minhas vivências e compreensão, a idade está atrelada a experiência, conhecimento e consequente sabedoria. No entanto, para nós, ainda mais que vivemos e fomos forjados na tradição, nosso conhecimento vem desde o berço e na forma como somos criados.

E isso não dá para ser medido em termos de valoração em anos de vida da maneira como se compreende no ocidente, como por exemplo: estudar quatro anos de graduação em

⁷ Chapéu característico do povo *Yorùbá*.

Música e sair como profissional dela, e após mais dois anos ser intitulado mestre. Inclusive porque como nosso conhecimento não é conteudista, repartido e setorizado, o aprendizado de algo se dá em uma gama diversa e complementar de conhecimentos e habilidades que vão sendo estimulados e trabalhados simultaneamente, ao longo do tempo. Nós também compreendemos que há titularidades que mesmo que se já tenha alcançado um conhecimento maior e mais complexo a seu respeito (veja que não me refiro a um conhecimento total), estas só devem ser incorporadas após anos de experiência porque é através dela e do bom uso dos seus conhecimentos que o iniciado se torna mestre em alguma coisa.

Nesse sentido, nossa sabedoria é medida através do caráter da pessoa, vinculado a uma gama de práticas e procedimentos. Trago isso no intuito de evidenciar a diferença nas estruturas e formas de ensino-aprendizagem, *modus operandi* de construção, manutenção, transmissão e compreensão do conhecimento. Trago isso também enquanto um lugar particular de experiência e vivência próprias e junto aos meus: àwò, familiares e parentes *Yorùbá*, bem como amigos e outros mestres tradicionais de culturas e povos africanos em diáspora, para não incorrer no equívoco de um pretense entendimento universalizante do que exponho aqui.

Continuidade em caminhos germinantes

Ainda sobre a cultura *Yorùbá* tradicional em África e em diáspora no Brasil, reforço a importância e dedicação no exercício mútuo da comunicação para que possamos criar pontes de diálogos possíveis em vez de abismos irreversíveis. E nesse sentido, parafraseio Fela Kuti que disse em 1973 que “uma vez nós vivemos numa sociedade escravista e escravizada, agora estamos livres, mas não nos libertamos da colonização” (Gilbney *apud* Kuti, 2014). Os aspectos orais que perpassam nossa cultura, muitas vezes se apresentam de tal forma simples que iludem ao desavisado sobre sua complexidade, mas que também enfrentam barreiras sociais devido ao racismo e preconceito infligidos a negritude e povos africanos em sua compreensão, forma e estrutura. De forma colaborativa, para além do exposto em meu relato autobiográfico neste material, trago quatro materiais, após as referências deste texto, denominados de “Ontologias Outras”, nas quais, por mais de duas horas, diálogo junto à

autoridade e representante máximo religioso do povo *Yorùbá*, compartilhamentos sobre a nossa cultura, estrutura e fundamentos.

Além disso, também coloco à disposição um vídeo de contação da história sagrada que ministrei sobre a cultura *Yorùbá* e sua cosmopercepção, e uma palestra sobre África e os africanos no Brasil.

Tais materiais, acredito, servem não somente como possibilidades de conhecimento da cultura *Yorùbá* pensada e articulada por seu povo e não por aqueles que discutem a partir de suas perspectivas sobre uma cultura outra, mas também podem compor o referencial teórico importante para o fazer acadêmico. Contudo, este referencial encontra-se dignamente em diálogo com quem realmente compreende e entende a cosmogonia e cosmopercepção *Yorùbá* de forma intrínseca, ou seja, por aqueles que a vivenciam de forma íntima, profunda e verdadeira.

Referências

GILBNEY, Alex (Dir.). **Procurando Fela Kuti**. Edição: Lindy Jankura. [s.l.]: Netflix, 2014. Documentário. Disponível em: Netflix. Acesso em: 16/12/2024.

Referências em citadas

AKÍNÚRÚLÍ, Ìdòwú. **Ontologias Outras – 6ª Edição: Qbàtálá**, YouTube, 13 de dezembro de 2023. 2h48min07s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SK8vK4oGTgE>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

AKÍNÚRÚLÍ, Ìdòwú. **Roda de Conversa: Da Tradição à Musicalidade Africana**. YouTube, 27 de maio de 2022. 1h43min15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3oV3HD6VEcI&t=41s>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

AKÍNÚRÚLÍ, Ìdòwú. **Contação de História com Ìdòwú Akínúrí – Ogbè Alárá (Odù do ano 2020) Full HD**. YouTube. 30 de outubro de 2020. 40min14s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-G2DO3Hgpp0>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

OLIVEIRA, Eduardo. **Ensaio de Filosofia Africana – Aula 09 com Eduardo Oliveira - ICL - 14/Novembro às 15h**. YouTube. 14 de novembro de 2023. 1h30min21s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SkSz_d335c8. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

Ìdòwú Akín rú lí é nigeriano, pertencente ao povo Yorùbá. Sacerdote de *Ifá* e Mestre percussionista. Dedicou-se à promoção de ações voltadas para a disseminação e desmistificação da cultura Yorùbá no Brasil através da arte e da cultura. É coordenador da empresa *Ìlú Akin* Produções, *Bàbáláwo* do *Ilé Àṣẹ̀ Òtúrá Rafún* e produtor dos projetos *Ontologias Outras*, *Ìbejì*, *Òṣẹ̀túrá Africa 'n jazz*, Festival *Ìpàdẹ̀* e *Fela Day POA*.

Ifádámiláre Òjèyímiká (Louise Lucena de Oliveira) é *Omọ Ifá* do *Ilé Àṣẹ̀ Òtúrá Rafún*. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia, com o projeto: *Quando o rio corre para o mar: empoderamento social com o Bgirlism no Brasil*, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Lurdes Barros da Paixão. É Bolsista Capes. Atua profissionalmente como artista *performer* da dança. Faz parte da *crew Bsbgirls-DF* e do Grupo de Pesquisa GIRA.

<http://lattes.cnpq.br/8939221174282019>